

O Presidente e os inimigos

FHC

JORNAL DE BRASÍLIA

CARLOS MONFORTE

Jornalista

* 9 MAI 1997

86

Quem pensava que com a aprovação da emenda da reeleição na Câmara, depois de duras batalhas e difíceis negociações, tudo estaria resolvido pelo Governo, e a maioria consolidada, se enganou redondamente. O que se viu foi uma acomodação da base parlamentar e uma sobrevida da oposição. É só pegar o caso da Vale, onde até o Judiciário entrou na onda do contra. Encontramos juízes sérios; mas também muitos que não negaram suas preferências partidárias.

Mas não é disso que quero falar agora. É sobre o que vem pela frente, nesse momento que a oposição sente que pode ter encontrado o caminho da contestação. O problema é saber como andar nessa estrada e conceder a quem o direito do melhor grito. Isso porque os nomes de oposição que poderiam espalhar lama estão demais desgastados e geram desconfiança. Na verdade, causam mais dissidência do que união.

que FHC
precisa, na
realidade, é
falar menos
e escolher
melhor
os seus
interlocutores

O Movimento dos Sem Terra ainda é o melhor caminho. Mas são poucos os políticos identificados profundamente como o movimento. Só pegaram mesmo a carona do dia 17 de abril, e olhe lá. Não têm nada a ver com a terra. Talvez a Vale fosse a estrada. Será um veio fraco. É só o grupo que comprou a empresa melhorar a gestão, anunciar medidas

aqui e ali, e todos esquecem o assunto. A Vale, embora um emblema nacionalista, transformou-se muito mais em barulho político do que numa causa da Pátria. Ainda mais que, quem comprou, foi um grupo nacional. A oposição está sem bandeiras, e sabe disso. A todo momento,

acredita que agora chegou a sua hora de contestar, de ganhar terreno em cima de Fernando Henrique. Até agora, nem mesmo com o ruído da Vale conseguiram isso. E sabem qual partido poderia dar o tom dessa dissidência? O PMDB.

Isso mesmo, esse velho, desgastado e superdividido partido é que poderia surgir como a única grande esperança da oposição. Mas não será. Isso porque o PMDB não foi unido nem quando o presidente era dele, que dirá agora.

O Presidente sabe disso. Tanto sabe que quer implodir ainda mais o velho partido. Convida deputados e senadores para seu ministério; seu articulador político é do PMDB; e gostou muito quando Michel Temer conquistou a Câmara. Agora, brinca com a escolha de nomes para compor sua equipe.

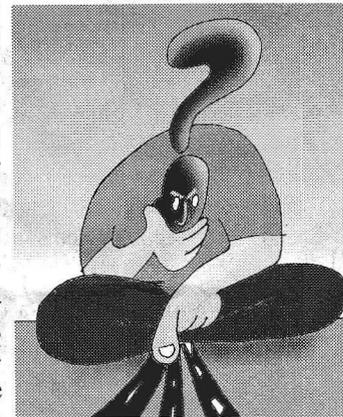
Na verdade, para Fernando Henrique que tanto faz. Para ele, num ministério, o importante é o secretário-executivo e não o ministro. Um ministério, para ele, virá eficiente dependendo do segundo, e não do ministro. Chega até a enumerar os que têm sucesso e os que patinam na obscuridade.

- Essa história de escolha de ministro é boa para os partidos brincarem. Não tem a menor importância. Isso porque os programas estão

prontos e é só preciso tocá-los - diz o Presidente.

Ou seja: para ele, tanto faz A, B ou C, já que terão pouco a fazer, a não ser a composição política. Portanto, o dilema do PMDB é apenas um dilema interno, pensa o Planalto. E o Presidente não está a fim de se baixar para discutir os nomes. Até porque seria (e será) difícil, impossível, contentar a todas as correntes do PMDB. O presidente Fernando Henrique não pode descer de seu cargo e discutir certos assuntos. Corre o risco de arranhar sua autoridade.

O que o Presidente precisa, na realidade, é falar menos e escolher melhor seus interlocutores. Primeiro, como se sabe, ele é dos tais que perde um ami-



go, mas não perde uma piada. Segundo, ele precisa mesmo ficar distante de certos temas, senão acaba tendo como interlocutor José Dirceu. Ou dando recado que aceita tomar café da manhã com Lula. E recebe em troca que Lula só vai com pauta pré-fixada. Afinal, quem marca a pauta, quem é o presidente?